

Congresso Brasa XII – 2014

Comunicação: Artes indígenas e colonialidade

Larissa Lacerda Menendez – UFMT/Brasil

A proposta dessa comunicação foi problematizar as concepções e interpretações atribuídas às produções visuais elaboradas pelas sociedades indígenas, que são classificadas pela cultura moderna/ocidental como objetos de menor valor econômico e artístico.

O projeto intitulado “Artes visuais em Mato Grosso, acervo difusão e crítica” desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso, visa constituir um espaço virtual de amplo acesso que reúna a produção visual contemporânea no Estado de Mato Grosso. Desse modo, foram mapeadas aproximadamente quarenta e quatro etnias indígenas apenas nesse Estado, que se localiza na região centro-oeste do Brasil.

Até o momento, as etnias Waujá, Umutina, Bakairi, Juruna e Kayapó deverão ser representadas a partir de um olhar sobre sua produção visual, desenvolvido pelas próprias pessoas das diferentes etnias. São fotos do processos de fabricação de materiais para pintura, dos processos do desenvolvimento das pinturas corporais (ou em cerâmica) e também de diferentes padrões de grafismo.

Essa apresentação teve como objetivo analisar comparativamente obras de arte de povos indígenas em diferentes contextos, revelando-as como modos de conhecimento fronteiriço (não eurocêntrico, intercultural) que suplantam a racionalidade e atingem as sensibilidades.

Problematizamos o modo como as produções indígenas são classificadas e apresentadas, o significado das produções dentro das comunidades indígenas e a classificação e repercussão dessas produções nas instituições não indígenas.

Mostramos como o diferencial de poder, que abrange também as concepções eurocênicas da arte, promove a invisibilidade das artes

produzidas pelos povos indígenas. Sob essa perspectiva, os estudos sobre esse tipo de produção artística enfrentam desafios diante de epistemologias eurocêntricas que não abordam sua existência ou ainda classificam essas artes como inferiores.

A partir das reflexões e conceitos propostos pelos estudos decoloniais, percebemos que os principais tratados de estética do mundo moderno/colonial desconsideram completamente as criações artísticas das populações indígenas e quando as incluem é apenas para afirmar sua pobreza estética, ou ainda negar-lhes valor artístico, colocando-as em um lugar de inferioridade em relação às produções europeias.

A inferiorização das sociedades indígenas e de suas produções não se constitui como fenômeno isolado, mas insere-se em um contexto mais amplo marcado pela diferença colonial, ou seja, a transformação das diferenças culturais em valores, hierarquias raciais, patriarcais, geopolíticas, que constituem classificações epistêmicas de uma elite que controla o conhecimento. Desse modo, naturaliza-se uma visão eurocêntrica do mundo (e da arte) como algo universal, consolidando-se como conhecimento único e verdadeiro da comunidade global (Cf. Palermo, 2012).

O argumento usado para desconsiderar as artes indígenas como objetos artísticos é basicamente a diferença cultural dessas populações que não possuem uma categoria para designar suas produções como artísticas.

O problema desse argumento é que ele tira os objetos da categoria de arte e os insere na categoria artesanato, alegando o fato de terem funcionalidade. Depois de serem classificados desse modo, os objetos são enviados a museus e além de sua função pouco se sabe a respeito dessas produções artísticas.

Se o argumento de não haver categoria de arte nessas populações é aceito para negar que esses objetos sejam arte, não há nenhuma evidência que comprove a existência da categoria “artesanato” entre essas populações que justifique tal classificação pela sociedade moderna/colonial, pois abordar esses objetos ou qualquer outra manifestação estética (como pintura corporal, por exemplo) pelo seu aspecto funcional, ou ritual, é, de qualquer modo, desconsiderar seu significado no contexto social em que é produzido e

relega-lo à uma categoria muito inferior e empobrecedora de seu real significado.

A diferença cultural é ambivalente: caracteriza-se pela dominação de uma cultura sobre outras (o que inclui genocídio e etnocídio) e também uma alteridade construída dentro do sistema hegemônico. Assim, determinados valores se localizam em instâncias de conflito entre o pensamento e sentimento de diferença(Cf. Palermo, 2012).

Infelizmente, devido ao olhar racista lançado sobre essas populações pela sociedade moderna colonial , pouco se sabe a respeito da maior parte dos processos de elaboração, técnicas, usos, significados das produções indígenas.

Apresentamos a produção artística de alguns artistas indígenas do Mato Grosso, como Cleomar Umutina, analisando essa produção artística a partir do contexto político e de revalorização cultural.

Os estudos abordam a autoria dos indígenas e sua íntima relação com a tradição e dinâmica cultural. Essas artes revelam experiências, sensibilidades, visões de mundo daqueles que foram silenciados e excluídos, são manifestações de resistência à colonização do ser, fecundas de cânones estéticos e saberes fronteiriços.

Problematizamos o modo como as produções indígenas são classificadas e apresentadas, o significado das produções dentro das comunidades indígenas e a classificação e repercussão dessas produções nas instituições não indígenas.

O diferencial de poder, que abrange também as concepções eurocêntricas da arte, promove a invisibilidade das artes produzidas pelos povos indígenas. Sob essa perspectiva, os estudos sobre esse tipo de produção artística enfrentam desafios diante de epistemologias eurocêntricas que não abordam sua existência ou ainda classificam essas artes como inferiores.

Bibliografia

BOAS, Franz. *El arte primitivo México*: editora fondo de cultura, 1947.

CASTRO-GOMEZ Santiago e GROSFOGUEL, Ramon. "Prólogo. *Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico*", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFOGUEL, Ramon (coords.) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007

GELL, Alfred. *Art and agency, an anthropological theory*, Oxford University Press, 1988.

_____ *Do mel às cinzas*, Mitológicas 2, Tradução: Beatriz Perrone-Moisés, Cosac e Naify, 2004.

MENENDEZ, Larissa. *A alma vestida: estudo sobre a cestaria paumari*. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC-SP, 2011.

MIGNOLO, Walter. *Local histories/Global designs: essays on the coloniality of power, subaltern knowledges and border thinking*. Princeton: Princeton University-Press, 2000.

PALERMO, Zulma. *Mirar para compreender: artesanía e re-existencia*, in *Otros Logos*, Revista de Estudios Críticos, ISSN 1853-4457.

RIBEIRO, Berta. *A civilização da palha*, tese de doutorado, Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1980.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*, Companhia das Letras, 1996.